

CORNELIA PLAG

CONCEIÇÃO CARAPINHA

ANA PAULA LOUREIRO

COORDS.

**MARCADORES  
DISCURSIVOS  
E(M) TRADUÇÃO III**

U  
|  
U

Este volume reúne, entre outros, os trabalhos apresentados nos Colóquios MarDisT, que tiveram lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2019 e 2021, com a participação de especialistas internacionais na área.

Os trabalhos aqui compilados abarcam diferentes línguas, diferentes perspetivas teóricas, diferentes géneros textuais, e problemas de tradução, tendo como denominador comum os marcadores discursivos.

Esperamos que a diversidade de reflexões venha a suscitar o interesse na área e a incentivar novas pesquisas.



I N V E S T I G A Ç Ã O

U|I

## SUMÁRIO

Nota prévia .....	7
Apresentação.....	9
Marcadores Discursivos e Tradução. Quanto contexto é suficiente contexto? .....	17
<i>Maria Aldina Marques</i>	
The Use of Code Alternation by Bilinguals in Films.....	37
<i>Carmen Pena-Díaz</i>	
Marcadores metadiscursivos académicos em inglês e em português: densidade, (ir)regularidades e constrações no género abstract .....	57
<i>Joana Vieira Santos</i>	
O MD Claro em tradução. Análise de traduções de Claro num corpus literário Português-Italiano.....	95
<i>Ana Loureiro, Silvia Brambilla</i>	
Ausência ou presença? Marcadores discursivos na tradução da brochura hospitalar .....	147
<i>Susana Bernardo, Conceição Carapinha, Cornelia Plag</i>	
Índice remissivo .....	187

## MARCADORES DISCURSIVOS E TRADUÇÃO. QUANTO CONTEXTO É SUFICIENTE CONTEXTO?

*Maria Aldina Marques*

(Universidade do Minho – CEHUM / ELACH)

mamarques@elach.uminho.pt

<https://orcid.org/0000-0003-3263-1977>

**Resumo:** Wittgenstein (2000 [1953]: 30), ao refletir sobre o significado linguístico, sobre o ato de significar, em *Investigações Filosóficas*, postula a necessidade de considerar o uso como resposta a esse questionamento. O autor põe a tónica no facto de a linguagem verbal manifestada nas Línguas Naturais ser uma atividade humana fundamental, por isso realizada e apreendida em contexto e, necessariamente, abordada a partir do uso. Este reposicionamento teórico, que se designa como abordagem pragmática da língua, ou do uso/funcionamento do sistema, no dizer de Joaquim Fonseca (1994), coloca o *contexto* como conceito central. O nosso objetivo é retomar as teorias do contexto, não para as discutir em si, mas para realçar a sua importância teórica e metodológica para as áreas de investigação e de tradução dos Marcadores Discursivos, a partir da análise de usos de *aliás* e *tipo*. A complexidade do conceito de contexto, mas, sobretudo, a sua centralidade teórica e metodológica, na determinação das funções dos MD em ocorrências específicas, tendo em conta a multifuncionalidade desta categoria discursiva, sobressai da análise realizada.

**Palavras-chave:** contexto, linguagem em uso, marcadores discursivos, tradução

**Abstract:** Reflecting on linguistic meaning, the act of signifying, Wittgenstein (2000 [1953]: 30) postulates the need to consider language usage as an answer to this questioning. The author emphasizes the fact that verbal language manifested in Natural Languages is a fundamental human activity, therefore carried out and apprehended in context and, necessarily, approached through usage. This theoretical frame, a pragmatic approach to language, or to the usage/functioning of the linguistic system, in the words of Joaquim Fonseca (1994), places context as a central concept. Our aim is to revisit the theories of context, not to discuss them in themselves, but to highlight their theoretical and methodological importance for the areas of research and translation of Discursive Markers (DM), based on the analysis of the occurrences of *aliás* and *tipo*. From the analysis carried out stands out the complexity of the concept of context and, above all, its theoretical and methodological centrality, in determining the functions of DMs in specific occurrences, taking into account the multifunctionality of this discursive category.

**Keywords:** context, language in use, discourse markers, translation

## 1. Introdução

Wittgenstein (2000 [1953]: 30), ao refletir sobre o significado linguístico, sobre o ato de significar, em *Investigações Filosóficas*, postula a necessidade de considerar o uso como resposta a esse questionamento: “Que designam as palavras desta linguagem? O que é que elas designam, como posso mostrar isso, a não ser na maneira do seu uso?” Ao referir-se ao uso, Wittgenstein põe a

tónica no facto de a linguagem verbal manifestada nas Línguas Naturais ser uma atividade humana fundamental, por isso realizada e apreendida em contexto. E, ainda, afirma a necessidade teórica de abordar a língua a partir do uso.

Este reposicionamento teórico, que se designa como abordagem pragmática da língua, ou do uso/funcionamento do sistema, no dizer de Joaquim Fonseca (1994), coloca o *contexto* como conceito central. É, pois, à volta do uso e do contexto de ocorrência dos Marcadores Discursivos (MD), em situações de tradução, que desenvolvemos o presente trabalho, estruturado em seis secções, a (1) *Introdução*, enquadrando a categoria de MD em inter-relação com a atividade de tradução e o conceito teórico de contexto; (2) *Uma teoria do contexto*, sobre a natureza da relação entre situação e discurso; (3) *Marcadores discursivos, tradução e contexto*, que aborda algumas questões relativas à inter-relação entre estas três vertentes; finalmente, (4) *Preservar a multifuncionalidade dos MD. Que contexto é suficiente contexto?*, em que se abordam alguns casos paradigmáticos desta relação tripartida; seguem-se (5) as *Considerações Finais* e (6) as *Referências bibliográficas*.

O nosso objetivo é retomar as teorias do contexto, não para as discutir em si, mas para realçar a sua importância teórica e metodológica para as áreas de investigação e de tradução dos Marcadores Discursivos. Em particular, pretende-se evidenciar o carácter indissociável de texto e contexto; salientar a complexidade do conceito de contexto e mostrar, por exemplificação, a importância de abordar, a partir deste quadro teórico, o processo de tradução dos MD, uma categoria de difícil definição e delimitação, dada a heterogeneidade que a constitui e a que voltaremos mais à frente.

## 2. Uma teoria do contexto: A natureza da relação entre situação e discurso

A atenção à história do conceito de contexto põe em evidência o seu caráter transdisciplinar e interdisciplinar, desde a antropologia, com Malinowski (1923), mas também com Dell Hymes (1974), até à linguística ou ciências da linguagem, primeiro de modo mais limitado, dado o quadro teórico estruturalista que no século passado dominava esta área, mas, de seguida, ganhando centralidade teórica e metodológica, na abertura à pragmática e aos discursos, no último quartel do século. Neste último quadro teórico, que é aquele em que nos situamos, o percurso do conceito de contexto implica diversos investigadores e perspetivas, de Halliday & Hasan (1984 [1976]) a van Dijk (2003, 2004) e Kerbrat-Orecchioni (2002), a Ingedore Koch, Morato & Bentes (2011) e outros, que desenvolvem o trabalho fundamental de Coseriu (1962), em *Determinación y entorno*.

A partir de enquadramentos diversos, o estatuto do conceito de *contexto* foi sendo repensado e reformulado. A teoria do contexto, se assim a podemos designar, apresenta-se-nos como *work in progress*. O estatuto teórico, definição e parâmetros constituintes determinam este contínuo repensar teórico (Marques, 2019), de que individualizamos três marcos ou eixos fundamentais:

1. O contexto é inicialmente definido como exterior ao texto. Esta exterioridade está, por exemplo, na base da distinção entre texto e discurso, na fórmula divulgada por Adam (1990: 25) (Discurso = texto + condições de produção; Texto = discurso – condições de produção), mas que o próprio autor virá a recusar mais tarde (2006: 21).

Também Halliday e Hasan, no texto de 1976, *Cohesion in English*, reconhecendo, embora, a importância do contexto no estudo da

língua, afirmam essa exterioridade, que lhes permite abstrair do contexto na análise que fazem do texto:<sup>1</sup>

Há dois conjuntos de fenómenos aqui, e *neste livro apenas teremos em conta os fatores linguísticos que são característicos dos textos em Inglês. As propriedades situacionais dos textos*, que começam agora a ser estudadas com mais pormenor e com uma melhor compreensão dos factos, *constituem uma vasta área de investigação que está fora do nosso objetivo aqui.*

Halliday & Hasan, 1984 [1976]:21

Nesta perspetiva, o contexto vem completar o sentido do texto, dado o que se designa como o “caráter elítico da linguagem”. Intervém sobre o significado linguístico, complementa-o, sendo-lhe, nesse sentido, posterior. Ao ser exterior ao texto, o contexto é também definido como estável e pré-existente a esse mesmo texto. Tendo em conta as características do texto, como unidade semântica complexa, os investigadores distinguem entre cotexto e situação, isto é, entre contexto linguístico e contexto extralinguístico, este último formado pelas circunstâncias da situação de comunicação.

2. O contexto é estruturador do texto e estruturado por ele. A relação de exterioridade entre texto e contexto vai alterar-se. De exterior e complementar, o contexto passa a ser concebido como indissociável do texto/discurso.<sup>2</sup> Entre texto e contexto estabelece-se uma relação dinâmica (instável, também), a que Koch *et al.* fazem referência:

...em van Dijk, assim como em autores como Hanks (2008) Marcuschi (2002) e Koch (2002, 2004), [o contexto identifica-se]

---

<sup>1</sup> Usamos o itálico para pôr em relevo as partes dos textos em análise.

<sup>2</sup> Não distinguimos os conceitos de texto e discurso. Usaremos os dois termos ou apenas um, tendo sempre em conta que corporizam perspetivas diferentes, mas complementares, sobre uma unidade linguístico-discursiva.

com “um *estado de coisas* que em parte está organizado a priori, e em parte está *associado a uma significação que emerge de sua própria organização* (cf. Hanks, 2008, p. 67).”

Koch, Morato e Bentes, 2011: 83

3. Do contexto ao processo de contextualização: a atividade comunicativa dos interlocutores. A atenção não apenas a dimensões sociais (as circunstâncias mais ou menos alargadas da situação de comunicação), mas ao próprio processo de construção da comunicação, desloca a análise para a atividade dos interlocutores. O contexto não se identifica com a situação «real» em que ocorre a interação verbal, ainda que não lhe seja alheio. O contexto é uma categoria abstrata (Marques, 2019: 103), definido como um conjunto de saberes socialmente – parcialmente – compartilhados (segundo um modelo de contexto). Kerbrat-Orecchioni (2002: 135), aproximando-se das posições teóricas sociocognitivistas, acentua esta particularidade, que reencontramos em van Dijk:

The main thesis of my theory of context is that contexts should not be defined in terms of some kind of social situation in which discourse takes place, but rather as a *mental representation*, or *model* constructed by the speech participants *of* or *about* such a situation.

van Dijk, 2004: 349

Na operacionalização do conceito, a definição dos parâmetros ou fatores que constituem o contexto é fundamental. São generalizações de sistematicidades observadas, que integram e definem diferentes tipos de situação (Marques, 2019: 106). Contudo, se existe convergência quanto à centralidade de determinados fatores, não há uma tipologia única nem fechada. A propósito do contexto na análise do discurso parlamentar, van Dijk (2003:94) elenca um conjunto de parâmetros, desde o quadro-espácio-temporal, aos

participantes e aos diferentes papéis comunicativos que assumem, ao evento discursivo em curso e ao conhecimento compartilhado pelos interlocutores. Para além do conjunto de parâmetros que constituem o quadro comunicativo da interação (conceito retomado e desenvolvido em Kerbrat-Orecchioni, 1990), van Dijk (2003: 94) sublinha a importância do conhecimento mútuo pertinente para a interação em curso que, no caso do discurso parlamentar, inclui um “conhecimento especial sobre o processo político, além de um conhecimento mais geral sobre a sociedade.”

Sem pretensões de exaustividade, estes são eixos definidores do estatuto teórico e das características do conceito de contexto, que diretamente nos interessam para trabalhar sobre marcadores discursivos e tradução.<sup>3</sup>

### 3. Marcadores Discursivos, tradução e contexto

Os marcadores discursivos constituem uma categoria discursiva de limites algo imprecisos (Freixeiro Mato, 2008, Pons & Fischer, 2021, Marques, 2021), quer porque a definição de marcador discursivo depende da teoria em que é enquadrado (Fuentes Rodríguez, Placencia & Palma-Fahey, 2016), quer porque as categorias linguístico-discursivas são heterogéneas, de fronteiras porosas face a um *continuum* de usos e, portanto, de (re)definição de categorias. Sendo uma categoria (multi)funcional, é frequentemente apontado o facto de, sob a designação de MDs, se reunirem formas (re)conhecidas como linguisticamente diferenciadas.<sup>4</sup> Não pretendem-

---

<sup>3</sup> Sobre os parâmetros que constituem os géneros, Adam (2006 2 2012) e Maingueneau (2014) são, na continuação do trabalho de Bakhtine (1984), referências fundamentais na discussão desta problemática.

<sup>4</sup> Uma outra vertente desta problemática reside na própria designação dos MD, que abunda em formulações ligadas entre si segundo relações ora de sinonímia

do retomar aqui esta discussão teórica (cf. Rodriguez Somolinos, 2011; Lopes, 2020), partimos da definição ampla proposta por Portolés (2001: 25-26), segundo o qual os MD são uma categoria constituída por “...unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional”, para acentuarmos que são, em particular, uma categoria discursiva multifuncional constituída, como diz Schiffrin (2001: 54), por “... one set of linguistic items that function in cognitive, expressive, social, and textual domains”. Nos discursos, os MD assumem funções diversas, atualizando valores diversos em diferentes contextos. Funcionam no nível micro, meso e macrotextual e nos diferentes planos textuais.<sup>5</sup> A multifuncionalidade é, aliás, uma característica individualizada de modo sistemático pelos investigadores, de que salientamos Briz (1999), Aijmer and Lewis (2017), Pons Bordería & Lopes (2020).

Assumindo essa multifuncionalidade e a forte dependência contextual dos MD (Martín Zorraquino & Portolés (1999), Fraser (2009), *inter alia*), é fundamental ter em conta a relação que estabelecem com o contexto, atendendo a distintas perspetivas, ou seja, tendo em conta, por um lado, as características teóricas do conceito, explicitamente referidas nas investigações sobre os marcadores discursivos, e o contexto que é efetivamente convocado para realizar a análise das ocorrências consideradas. Esta é uma

---

ora de hiperonímia, definindo categorias e subcategorias que variam de um autor para outro. Sobre as características dos MD ver também Briz Gómez (1999), Pons Bordería (2001), Dostie & Pusch (2007), entre outros.

<sup>5</sup> Os MD “Operam no plano pragmático-discursivo da enunciação; apresentam valores diversos, em função dos contextos de ocorrência; são tipicamente multifuncionais; desempenham uma função pragmática instrucional, dando instruções ao alocutário sobre como articular de forma coerente diferentes segmentos discursivos; guiam a atividade argumentativa, as inferências a construir a partir dos enunciados que conectam; organizam o discurso; são modalizadores, marcam a posição do locutor relativamente ao objeto do seu dizer, nomeadamente, a sua responsabilidade enunciativa; são instrumentos de regulação da interação verbal (controlam o contacto; alimentam a relação interacional).” (Marques, no prelo).

questão central e complexa, desde logo porque, antes de qualquer análise, há uma primeira constrição, prática, mas também metodológica, decorrente do processo de seleção dos dados para análise, que quase nunca é referida, mas pode revelar-se um obstáculo. As pesquisas sobre o uso dos MD trabalham com dados autênticos, a maior parte das vezes constituídos por *corpora* gigantes (muito úteis, e fundamentais para a análise), a partir dos quais é feita uma extração automática, que recupera um cotexto anterior e/ou posterior bastante limitado, e nem sempre permitindo ao investigador aceder a um cotexto mais amplo. No exemplo seguinte, do corpus Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense (PSFB), o cotexto é particularmente reduzido, por o MD *pois* ocorrer em início de interação e a interação anterior não fazer parte dos parâmetros que regulam o processo automático:

Ent [v]TIE0	5	4	• • <b>Pois.</b>	T202 T203
Ent [v]TIE0	1	4	<b>Pois.</b> • • ((risos))	T952 T953
Ent [v]TIE0	1	4	<b>Pois.</b>	T1160 T1161
Ent [v]TIE0	5	4	• • <b>Pois,</b> mas se não tiverem	T1245 T1246
Ent [v]TIE0	5	4	• • <b>Pois.</b>	T1374 T1375
Ent [v]TIE0	1	4	<b>Pois</b> que isso depois pode ser/	T1678

Cabe ao investigador fazer uma busca manual que nem sempre é fácil ou está acessível, como nos excertos abaixo, extraídos do *corpus* Cetempúblico.

*par=ext354063-nd-94b-2*: Ainda tenho a livraria, *aliás*...

*par=ext198335-clt-soc-93a-1*: É, *aliás*, comum, diz Filgueiras, estarem a dormir e alguém lhes deitar fogo.

Com efeito, o programa não permite ampliar o cotexto, o que obriga, por vezes, a desconsiderar as ocorrências.

### 3.1 MD, tradução e co(n)texto. Uma perspectiva sequencial

Quando nos debruçamos sobre o contexto convocado pelos investigadores, para análise de um marcador discursivo específico, sobressai a dimensão sequencial, indissociável da natureza dos dados, que acabámos de referir (o cotexto imediato). A título de ilustração, veja-se as afirmações de Furlanetto (2003: 993), ao analisar o MD *inclusive*:

Considerarei como *contexto padrão* para *inclusive* aquele descrito por Neves (2000: 734), que corresponde aos (*parcos*) *exemplos que se encontram nas gramáticas normativas: inclusive* introduz *sintagma nominal (que pode estar preposicionado) ou oração infinitiva* – assim representável, provisoriamente, *levando em conta que a sequência precedente tem autonomia sintática*.

O enunciado ou, no máximo, uma breve sequência de dois enunciados, é o contexto linguístico (cotexto) convocado para a análise. A fórmula de Fraser (1999: 931), delimitando o cotexto pertinente para a análise de um MD, é sobejamente conhecida (S1. DM S2), sendo S1 e S2, de forma prototípica, dois enunciados considerados numa relação de contiguidade sequencial.

### 3.2 MD, tradução e co(n)texto. Importância teórico-metodológica

A importância teórica e metodológica atribuída ao contexto é variável, mas quase sempre limitada. Fraser, no excerto abaixo, descarta dimensões do contexto, que, no entanto, reconhece serem importantes:

Most of the examples are from spoken rather than written texts. *I have not specified the sources, since nothing in this paper follows from this knowledge*, and I am not concerned with the

relative frequency of these terms *or in what contexts they occur*. (...). there are certainly many more combinations waiting to be uncovered and the *role of context and prosody may radically change the above proposed interpretation*.

Fraser, 2009: 894 e 897

No exemplo do texto de Borreguero & Ferary, abaixo apresentado, a valorização do cotexto dá conta de uma maior amplitude sequencial e, sublinhe-se, de outras unidades discursivas, para além do enunciado onde ocorre o MD. As autoras, a propósito de *por cierto*, fazem referência a segmentos discursivos de uma unidade maior, o género *crónica*, neste caso:

*por cierto* commence à apparaître dans des *segments discursifs* qui semblent dévier du fil argumentatif principal – surtout dans des *chroniques* qui contiennent des énoncés évaluatifs et dans les textes argumentatifs.

(Borreguero & Ferary, 2015: 21)

Na variabilidade destas relações discursivas, em que a análise ao nível micro (por vezes meso) é a mais sistemática em termos de frequência, o nível macro, relativo ao uso em textos/discursos, que são unidades pragmáticas, não pode ser um assunto despidiendo. E por conseguinte, acentuam o papel das dimensões genéricas, sociais, culturais, cognitivas da língua em uso nas análises dos MD.

#### **4. Preservar a multifuncionalidade dos MD. Que contexto é suficiente contexto?**

Em função da importância do conceito de contexto, acima referido, para a tradução dos marcadores discursivos, é pertinente

exemplificar essa inter-relação a partir de duas ocorrências dos marcadores *TIPO* e *ALIÁS*.

Para o marcador *tipo*, considerámos a tradução de uma entrevista feita a Simone Biles, em setembro último na *New York Magazine*, e publicada na *Revista* do semanário *Expresso*, de 30 de outubro de 2021, com saliência para os seguintes excertos:

“Às vezes é, **tipo**, estou perfeitamente bem com isso. **Tipo** é assim que funciona. Foi como resultou.” [...].

“É **tipo** inédito vencer tantas coisas como eu venci”, diz Biles [...]

“qualquer caminho que tentássemos, o meu corpo era **tipo**, Simone, relaxa.”

Duas questões podem ser colocadas a propósito desta situação. A primeira é sobre quais são os MD usados no texto em inglês. A este propósito, identificámos três marcadores: *like*; *yeah* e *kind of*, traduzidos todos por *tipo*, à exceção de *yeah*, que foi omitido:

“Sometimes it’s **like**, **yeah**, I’m perfectly okay with it,” she said.

“**Like**, that’s how it works. That’s how it panned out.”

“It’s **kind of** unheard of to win as many things as I have,” Biles says.

“every avenue we tried, my body was **like**, Simone, chill.”

A segunda pergunta decorre desta tradução: porquê a opção por *tipo* e não por *pronto* ou *portanto* ou *assim*, dado que desempenham também a função de pontuadores ou *fillers* e/ou de introdutores de discurso direto? Tendo em conta o contexto no seu sentido mais amplo, o tradutor fez uma escolha pertinente. Com efeito, há uma característica contextual fundamental, um fator macrosocial, associado ao uso de *tipo* e que permite enquadrar a escolha feita pelo tradutor. Na tabela seguinte, que foi elaborada a propósito das

ocorrências de tipo no PSFB (Marques, 2015), fica evidente uma particularidade do uso deste marcador, agregada a uma característica geracional do locutor, com implicação na construção discursiva. É um MD próprio da oralidade informal, usado, sobretudo, por falantes jovens. Nos dados recolhidos, é a idade entre os 15-25 anos que concentra a maior parte das ocorrências (70,78%):

Idade	Ocorrências	%
15 - 25 anos	189	70,78%
26 - 59 anos	61	22,84%
60-75 anos	16	5,99%
+75 anos	1	0,37%
TOTAL:	267	100%

Tabela 1. Ocorrências de Tipo no corpus PSFB, em função da variável idade (Marques, 2015)

Ora, no caso em análise, o entrevistador constrói desde o começo da entrevista uma imagem da entrevistada marcada, entre outras características, pela juventude e pela descontração:

“Hoje, a ginasta de 24 anos mostra-se radiante e relaxada. (...). Hoje parece mais *aberta a deixar-se ir na onda*. (...). Falamos sobre *chá matcha e malas Telfar*. (...)”.

*Tipo*, sendo um marcador de discurso característico da fala dos jovens, contribui para a construção da imagem da entrevistada, nomeadamente ao nível da relação interpessoal e do plano enunciativo, pelo recurso a mecanismos linguísticos diversos. O contexto linguístico imediato é, neste caso, insuficiente para explicar esta tradução. A partir da consideração da unidade textual/discursiva *entrevista*, enquanto género de discurso, e o conhecimento compartilhado sobre a entrevistada, o tradutor escolhe um MD que valoriza a sua juventude e informalidade e contribui, assim, para a

coerência discursiva global. Como escolha, não é obviamente uma possibilidade única, mas a sua pertinência é sustentada pelo contexto linguístico global, bem como por um conhecimento prévio da entrevistada.

Quanto ao marcador *aliás*, tivemos em consideração os trabalhos de Furlanetto (2003); Lopes (2015), Duarte & Ponce de León (2011), Plag, Loureiro & Carapinha, (2017). Estes autores inventariam um conjunto de funções de *aliás* no português atual (Português Europeu e Português do Brasil), a saber: argumentativo; introdutor de digressão e informação secundária; introdutor de reformulação-retificação; aditivo, marcador de um argumento mais forte e reforço.

A análise que realizámos centra-se, agora, na complexa ancoragem contextual do marcador discursivo *aliás* que um processo de tradução não poderá ignorar. A ocorrência que vamos analisar é esta: “Entre Pessoa e Almada, os portugueses votaram, *aliás*, em Salazar”. Retirada também de uma entrevista, agora a José Augusto França, e publicada na Revista *Única* do semanário *Expresso*, em 1 de fevereiro de 2014, ocorre no final da interação:

Pode descrever-me o Portugal do século XX em dez palavras?

JAF: Dá-me um dia para pensar?

J: Claro.

[Um dia depois telefona] Quer tomar nota? Cá vai. “*Entre Pessoa e Almada, os portugueses votaram, aliás, em Salazar*”. Hesitei entre “porém” ou “afinal” e acabei por me decidir por “aliás”. Que é a chave da frase. Fica assim.

Entrevista a José Augusto França, Revista *Única*, *Expresso*, 1 de fevereiro de 2014

Neste exemplo, o locutor dá conta do processo de construção discursiva, e da atividade, neste caso consciente, de escolha de um elemento linguístico a que atribui uma importância estratégica

central. No entanto, a atenção apenas ao enunciado em que o MD ocorre pode gerar alguma estranheza. Podemos repetir a pergunta relativa à escolha realizada pelo locutor: porquê *aliás* e não *afinal* ou *porém*? O locutor não explica, mas acentua a adequação, perfeita no seu entender, do marcador selecionado: «Hesitei entre “porém” ou “afinal” e acabei por me decidir por “aliás”. Que é a chave da frase.» Em que se distinguem estes marcadores discursivos? No que aqui está em discussão, *porém* tem função de contraste, é marcador de contra-argumento forte, mas que não anula o valor de verdade do argumento a que se opõe; a função de *afinal* é, por sua vez e de modo nuclear, confirmar a realização, ou não, de uma expectativa prévia. A recusa destes marcadores pelo locutor e a subsequente seleção de *aliás* ganha pertinência pela atenção ao cotexto não imediato:

JAF: Escrevi trezentos e tal contos pequenos e depois em *brincadeira fiz um conto de dez palavras* “Gomes nasceu, viveu, morreu, mas foi menos do que isso.” Aqui tem a história toda de uma pessoa em dez palavras exatas. Mais pequeno não é possível. E assim fechei os contos. Não há nada na forja e toda a gente se admira. Não tenho vontade de fazer nada e sinto falta de.

J: Proponho-lhe um exercício semelhante ao seu.

Pode descrever-me o Portugal do século XX em dez palavras?

JAF: Dá-me um dia para pensar?

J: Claro.

[Um dia depois telefona] Quer tomar nota? Cá vai. “*Entre Pessoa e Almada, os portugueses votaram, aliás, em Salazar*”. Hesitei entre “porém” ou “afinal” e acabei por me decidir por “aliás”. Que é a chave da frase. Fica assim.

Entrevista a José Augusto França, Revista Única, Expresso, 1 de fevereiro de 2014

Com efeito, a escolha de *aliás* não é independente das constrações do “exercício” proposto. Colocando em paralelo a narrativa em 10 palavras: «Gomes nasceu, viveu, morreu, mas foi menos do que isso.» e a repetição do exercício de 10 palavras para caracterizar o Portugal do sec. XX, «Entre Pessoa e Almada, os portugueses votaram, aliás, em Salazar.», parece-nos que deste confronto, e para além da restrição quanto ao número de palavras, há significados a inferir, nomeadamente, a negatividade de um comportamento previsível. O MD *aliás* reforça a confirmação dessa previsão, decorrente de um juízo negativo sobre os portugueses que, como a personagem Gomes, mostram a sua penúria existencial ao votarem em Salazar como figura maior do século XX. O cotejo com o contexto alargado legitima todas estas inferências, reforçadas pelo *ethos* pré-discursivo do locutor. O facto de ser uma figura da cultura portuguesa do século XX, historiador, escritor, professor universitário, sustenta um posicionamento discursivo informado, sobre a sociedade e a língua portuguesas que credibiliza o seu discurso.

O MD *aliás* é apontado pelo locutor como “chave da frase”. E, de facto, reforça, por um lado, um juízo negativo do locutor, que constrói um ponto de vista desiludido, mas não surpreendido sobre os portugueses e, por outro, torna saliente um processo de reformulação/retificação de uma escolha que na verdade nem o chegou a ser, pois, “Entre Almada e Pessoa” (e infere-se aqui um ponto de vista valorizador de ambos, com que o locutor se identifica), os portugueses não escolheram nenhum deles, ou melhor, escolheram um ditador. Retomando os resultados das investigações acima referidos e a síntese apresentada por Plag, Loureiro & Carapinha (2017), no esquema abaixo, *aliás*, no enunciado em análise, conjuga valores de reforço, de continuidade, portanto, e de reformulação/retificação, dois valores que, apesar de divergentes, se articulam em função de dois pontos de vista diferentes, contribuindo para a construção da argumentação no discurso.

A análise a que sujeitámos o corpus fez sobressair esse continuum de valores do MD, que se apresentam da seguinte forma:



Plag, Loureiro & Carapinha, 2017: 117

Uma qualquer tradução do excerto em análise não poderá deixar de ter em consideração estas dimensões contextuais, desde a verbalização do processo cognitivo-pragmático de escolha (Portolés, 2003 e Verschueren, 2009) do MD *aliás* à necessidade de ancorar a explicação dessa escolha no conhecimento enciclopédico compartilhado, que guia as inferências do alocutário na construção dos sentidos do discurso. Também para além do cotexto imediato, é, ainda, a globalidade discursiva que é convocada neste processo de identificação e explicação dos valores de *aliás*.

## 5. Considerações finais

Neste trabalho, centrámo-nos no conceito de contexto para o problematizar em termos da investigação e da tradução dos Marcadores Discursivos, a partir de pontos de partida diversos, na identificação das dimensões contextuais mobilizadas pelo tradutor, que sustentam a escolha pertinente do MD *tipo*, e na explicação da escolha de *aliás*, contextualmente ancorada e explicitamente afirmada pelo locutor face a outras possibilidades que um tradutor deverá considerar.

Fica clara a complexidade do conceito de contexto, mas, sobretudo, a sua centralidade teórica e metodológica, na determinação

das funções dos MD em ocorrências específicas, tendo em conta a multifuncionalidade desta categoria discursiva. A este nível, o contexto é um instrumento metodológico, um “facilitador” da tradução, evidenciando a relação necessária entre teoria e prática.

## Referências

- Adam, J.-M. (2012). Discursivité, généricité et textualité. Distinguer pour penser la complexité des faits de discours. *Recherches* n° 56, 9-27.
- Adam, J.-M. (2006). Texte, contexte et discours en questions. *Pratiques* 129-130, 21-34
- Adam, J.-M. (1990). *Pour une pragmatique linguistique et textuelle. Éléments de Linguistique Textuelle*. Mardaga.
- Bakhtine, M. (1984). *Esthétique de la Création Verbale*. (trad. francesa). Gallimard.
- Borreguero, M., & Ferary, S. (2015). Préface. In M. Borreguero & S. Ferary (eds.), *Les marqueurs du discours dans les langues romanes – une approche contrastive* (pp. 11-31). Lambert-Lucas.
- Briz, A. (1999). *El español coloquial en la conversación: Esbozo de pragmatogramática*. Ariel.
- Coseriu, E. (1962). Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar. In *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios* (pp. 281-323). Gredos.
- Dostie, G., & Pusch, C. (2007). Présentation. Les marqueurs discursifs. Sens et variation. *Langue française* 154, 3-12.
- Duarte, I., & Ponce de León, R. (2011). Aliás: diferencias de empleo en portugués y en español. In N. Delbecque, M.-F. Delpont, & D. Michaud Maturana (eds.), *Du signifiant minimal aux textes Études de linguistique ibéro-romane*. Lambert-Lucas
- Fischer, K. (2006). Frame, construction, and invariant meanings: the functional polysemy of discourse particles. In K. Fischer (ed.), *Approaches to Discourse Particles*. Elsevier, pp. 427-447.
- Fonseca, J. (1994). O lugar da pragmática na teoria e análise linguísticas. *Pragmática Linguística – Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto Editora.
- Fraser, B. (2009). Topic Orientation Markers. *Journal of Pragmatics* 41, 892-898.
- Fraser, B. (1999). What Are Discourse Markers? *Journal of Pragmatics*, 31, 931-952.
- Freixeiro Mato, X. R. (2008). Perspectiva diacrónica e uso actual de alguns conectores de preferência e de contraste em galego(-português). *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 2, 77-98.
- Fuentes Rodríguez, C. Placencia, M. E., & Palma-Fahey, M. (2016). Regional pragmatic variation in the use of the discourse marker pues in informal talk among university students in Quito (Ecuador), Santiago (Chile) and Seville (Spain). *Journal of Pragmatics* 97: 74—92.

- Furlanetto, M.M. (2003). O uso de *inclusive* em textos escritos formais. *Anais do 5º Encontro do Celsul*: 988-998.
- Halliday, M.A.K., & Hasan, R. (1984 [1976]). *Cobesion in English*. Longman.
- Hymes, D. (1974). Introduction: towards ethnographies of communication. *Foundations in Sociolinguistics*. University of Philadelphia.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2002). Système linguistique et ethos communicatif. Language as system and cultural rules of communication. *Cahiers de Praxématique* 38, 35-57.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1990). *Les Interactions Verbales*. Tomo I. A. Colin.
- Koch, I. Morato, E., & Bentes, A. (2011). Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun van Dijk. *ALED* 11 (1), 79-91.
- Lopes, A. C. (2020). Repensar os Marcadores Discursivos: um estudo de caso. In I. M. Duarte, & R. Ponce de León (eds.), *Marcadores discursivos. O Português como referência contrastiva*. Peter Lang.
- Lopes, A. C. (2015). Aliás: contribution à l'étude diachronique d'un marqueur du discours en portugais In M. Borreguero, & S. Ferary (2015). *Les marqueurs du discours dans les langues romanes : une approche contrastive* (pp.345-354). Lambert-Lucas.
- Maingueneau, D. (2014). *Discours et analyse du discours*. A. Colin.
- Malinowski, B. (1923). The problem of meaning in primitive languages. In C. K. Ogden, & I. A. Richards (eds.), *The Meaning of Meaning*. Kegan Paul.
- Marques, M. A. (2021). *Contextos de uso do marcador discursivo pronto e ethos discursivo*. *Revista de Filoloxía Galega*. Monografía 13, *Estudos sobre gramática e sociolingüística galego-portuguesa*, 205-219.
- Marques, M. A. (2019). *Análise do Discurso (Programa, conteúdos programáticos, métodos e avaliação)*. Universidade do Minho. (Relatório das provas de agregação, ed. policopiada).
- Marques, M. A. (2015). «Tipo». Référentiation et modalisation dans des interactions verbales orales. In M. H. Carreira (ed.), *Faits de langue et de discours pour l'expression des modalités dans les langues romanes* (pp. 249-260). Université Paris 8.
- Marques, M. A. (no prelo). Ah, pois... oralidade, marcadores discursivos e ensino do Português. In A. Teletin, & I. M. Duarte (eds.). *Promover a oralidade na aula de língua estrangeira*, Editura Universităţii din Bucureşti.
- Martín Zorraquino, M. A., & Portolés, J. (1999). Los marcadores del discurso. In I. Bosque, & V. Demonte (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. III (pp. 4051-4213). Espasa-Calpe.
- Plag, C., Loureiro, A. & Carapinha, C. (2017). Traduções alemãs do marcador 'alias' – uma análise do *corpus* Europarl. In A. Loureiro, C. Carapinha, & C. Plag (coord.), *Marcadores Discursivos e(m) Tradução*. (pp.105-134). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Pons Bordería, S. (2001). Connectives/Discourse Markers: An Overview. In H. Ferrer Mora, & S. Pons Bordería (eds.), *La pragmática de los conectores y las partículas modales* (pp. 219-243). Universidad de Valencia.

- Pons, S., & Fischer, K. (2021). Using discourse segmentation to account for the polyfunctionality of discourse markers: The case of well. *Journal of Pragmatics*, 173(2), 101-118.
- Pons Bordería, S., & Lopes, A. C. M. (2020). Então vs entonces en posición inicial de discurso: una diferencia distribucional entre español y portugués. In A. Nogueira, C. Fuentes Rodríguez, & M. Martí (coord.), *Aportaciones desde el español e el portugués a los marcadores discursivos. Treinta años después de Martín Zorraquino y Portolés* (pp. 425-442), Editorial Universidad de Sevilla.
- Portolés, J. (2003). *Pragmática para Hispanistas*. Síntesis.
- Portolés, J. (2001). *Marcadores del discurso*. Ariel.
- Rodríguez Somolinos, A. (2011). Présentation: Les marqueurs du discours – approches contrastives, *Langages* 184, 3-12. <https://www.cairn.info/revue-langages-2011-4-page-3.htm>.
- Schiffrin, D. (2001). Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton, *The Handbook of Discourse Analysis*, (pp. 54-75). Blackwell.
- Van Dijk, T. (2004). Text and Context of Parliamentary debates. In P. Bayley (ed.), *Cross-Cultural Perspectives on Parliamentary Discourse* (pp. 339-372). John Benjamins.
- Van Dijk, T. (2003). Knowledge in parliamentary debates. *Journal of Language and Politics* 2:1. 93-129.
- Verschueren, J. (2009). Introduction. The pragmatic perspective. In J. Verschueren, & J.-O. Östman (eds.), *Key notions for pragmatics* (pp. 1-27). John Benjamins.
- Wittgenstein, L. (2000 /1953). *Investigações filosóficas* (trad. PB). Ed. Nova Cultural.

### **Corpora consultados**

Cetempúblico: <https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CETEMPUBLICO>

Perfil sociolinguístico da fala bracarense:

[http://cehum.ilch.uminho.pt/fala\\_bracarense](http://cehum.ilch.uminho.pt/fala_bracarense)